

SEÇÃO ESPECIAL: DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA

PARTILHANDO EM REDE: UMA PROPOSTA DE TROCAS DE SABERES EM TEMPOS DE PANDEMIA

Fernanda Araujo Coutinho Campos¹

Ana Paula Campos Cavalcanti²

RESUMO

Os objetivos deste trabalho são relatar e refletir acerca das experiências realizadas pelo grupo “Educações em Rede”. Formado por professores-pesquisadores, propôs-se como um espaço de formação continuada para professores de diversos níveis e de acolhimento em rede, como resposta de enfrentamento aos desafios educacionais diante da pandemia da Covid-19. As ações realizadas constituíram-se na transmissão de webinários; produção de tutoriais e publicação de artigos para auxiliar professores perante as dificuldades teóricas, metodológicas e técnicas emergentes nesse contexto. A motivação central do “Educações em Rede” consistia em debater e partilhar saberes com diversos atores de diferentes partes do Brasil e do mundo, estabelecendo-se como uma rede de aprendizagem. Os dados de análise demonstram que o público era composto, essencialmente, por professores brasileiros, de 30 a 45 anos, em busca de um espaço acessível para o debate e de formação não formal para o uso das tecnologias aplicadas à educação.

Palavras-chave: Formação de professores. Redes de aprendizagem. Pandemia. Comunidades virtuais. Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs).

Como citar este documento – ABNT

CAMPOS, Fernanda Araujo Coutinho; CAVALCANTI, Ana Paula Campos. Partilhando em rede: uma proposta de trocas de saberes em tempos de pandemia. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 10, e024876, p. 1-23, 2020. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2020.24876>.

Recebido em: 01/09/2020

Aprovado em: 13/12/2020

Publicado em: 31/12/2020

¹ Universidade Aberta (Uab), Lisboa, Portugal.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0841-5871>. E-mail: fernanda.campos3x@gmail.com

² Centro Universitário Newton Paiva, Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3865-2851>. E-mail: anapcletras@outlook.com

INTERCAMBIO DE REDES: UNA PROPUESTA PARA EL INTERCAMBIO DE CONOCIMIENTOS EN TIEMPOS DE PANDEMIA

RESUMEN

Los objetivos de este trabajo son informar y reflexionar sobre las experiencias del grupo "Educações em Rede". Formado por profesores-investigadores, se propuso como un espacio para la formación continua de profesores y para la creación de redes, como respuesta a los desafíos educativos ante la pandemia de Covid-19. Las acciones consistieron en seminarios web, producción de tutoriales y publicación de artículos para ayudar en las dificultades teóricas, metodológicas y técnicas que se demandan en este contexto. La motivación central de "Educações em Rede" fue debatir y compartir conocimientos con diversos actores de diferentes partes del Brasil y del mundo, estableciéndose como una red de aprendizaje. Los datos del análisis muestran que el público estaba compuesto, esencialmente, por profesores brasileños, de 30 a 45 años de edad, en busca de un espacio accesible para el debate y la formación no formal para el uso de tecnologías aplicadas a la educación.

Palabras clave: Formación de profesores. Redes de aprendizaje. Pandemia. Comunidades virtuales. Tecnologías Digitales de Información y Comunicación (TDICs).

NETWORK SHARING: A PROPOSAL FOR KNOWLEDGE EXCHANGE IN PANDEMIC TIMES

ABSTRACT

The objectives of this work are to report on and reflect on the experiences of the group "Educações em Rede" (Network Education). Formed by teacher-researchers, it was proposed as a space for continuing education for teachers at different levels and for networking, as a response to face educational challenges in the face of the Covid-19 pandemic. The actions carried out consisted of webinars transmission; production of tutorials and publication of articles to assist teachers in the theoretical, methodological and technical difficulties emerging in this context. The central motivation of "Educações em Rede" was to debate and share knowledge with different actors from different parts of Brazil and the world, establishing themselves as a learning network. The analyzed data show that the public was essentially composed of Brazilian teachers, from 30 to 45 years old, in search of an accessible space for debate and non-formal training in the use of technologies applied to education.

Keywords: Teacher education. Learning networks. Pandemic. Virtual communities. Digital Information and Communication Technologies (ICT).

INTRODUÇÃO

Com a instauração da crise sanitária, provocada pela Covid-19, houve a necessidade de isolamento social e, conseqüentemente, o fechamento do comércio, dos bares e restaurantes e, também, das escolas, desde aquelas da educação infantil até as do ensino superior. Diante da urgência de se fechar as portas, foram estabelecidos desafios para toda comunidade educacional: professoras, professores, gestoras, gestores, famílias e estudantes. Assim, foi necessário abrir as janelas e descortinar os vários desafios enfrentados pela educação. Nesse contexto, surgiu o grupo “Educações em Rede” (“ER”), cujas ações e experiências realizadas entre abril e setembro de 2020 pretendemos relatar.

O “Educações em Rede” foi criado em março de 2020 por cinco professores, quatro professoras e um professor, residentes em diversas cidades do Brasil e do mundo³. Os objetivos principais do grupo “ER” foram: auxiliar professores dos diferentes níveis de ensino; apresentar possíveis soluções para um novo cenário educativo, que exigia a mediação das tecnologias digitais da informação e da comunicação; refletir sobre as mudanças para a educação; constituir-se como uma rede de apoio; partilhar conhecimentos e experiências acadêmicas.

Perante as condições do isolamento social, impostas para tentar diminuir a propagação e contágios do novo coronavírus, foi necessário reprogramar os espaços e os processos de aprendizagem tendo as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) como mediadoras. Assim, constituíram-se novos tempos e espaços, novas didáticas, novas formas de interações de relacionamento. Nesse sentido, surgiram novos desafios, a saber: como programar uma aula on-line? Todos terão acesso? Como fica a equidade na educação? Os professores estão preparados? Qual a melhor plataforma? Essas e outras questões foram o ponto de partida para a constituição do grupo “ER”.

Diante do desafio imposto aos professores, o grupo “ER” se propôs a realizar uma série de ações, entre elas webinários, publicação de artigos, criação de site e realização de oficinas. Para tanto, foram convidados diversos professores e professoras para trocas e co-criação de conhecimento em rede a partir das diversas experiências vivenciadas.

Nesse sentido, o trabalho do grupo – evidenciado pelo envolvimento de um número expressivo de participantes⁴, pelas trocas, pela diversidade de experiências compartilhadas – apresentou-se como um fenômeno das formações abertas e múltiplas em rede, conforme imaginava Castells (1999).

³ Nomeadamente em cidades de Minas Gerais, Portugal e Suécia.

⁴ Foram mais de 15.000 visualizações e 1.300 inscritos no canal do *Youtube*. Acesso: <https://www.youtube.com/channel/UCbwuKo04wV-KnlFhBsCHqjw>. Mais de 1.500 inscrições nos webinários e nas oficinas realizadas.

Nesse contexto, o grupo “ER” constituiu-se como um espaço de trocas e partilhas em rede feito por e para professores, utilizando-se das TDICs e do espaço virtual para compartilhar conteúdos de forma gratuita e sem apoios institucionais. Acreditamos que, nos meses de ação do grupo, foram realizadas experiências que corroboram teorias e práticas dos estudiosos da cultura em rede e digital, tal como Castells (1999), Pretto (2011), Lemos (2002), Lévy (1999), Schlemmer (2012) e Santos e Weber (2018). A escolha desses teóricos deve-se ao fato de o grupo utilizar-se do espaço virtual (de forma aberta e em rede) e de ferramentas digitais para construir espaços disruptivos de aprendizagens. Ademais, justifica-se por entendermos que o fenômeno relatado e vivenciado prescinde de uma mudança nas formações, nas relações e no ensinar e aprender, superando um olhar do uso instrumental das TDICs e considerando os usos contemporâneos mediados pelas TDICs em rede (CASTELLS, 1999) e no ciberespaço (LÉVY, 1999).

Se até março de 2020 as instituições escolares, seja da educação básica ou do ensino superior, não estavam adaptadas e preparadas para ensinar utilizando as tecnologias digitais, após meados do mesmo mês, foram obrigadas – de forma abrupta – a se reorganizarem e adaptarem-se para um ensino mediado por tecnologias, o qual foi denominado “ensino remoto”.

O artigo apresenta o relato da constituição do grupo “ER” no contexto da pandemia da Covid-19, relatando as experiências e dados dos participantes. Além disso, problematiza as definições criadas para a educação neste momento e, por fim, reflete sobre a relevância das ações do grupo.

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

O ano de 2020 foi completamente desafiador para a educação em todos os países do mundo. O fechamento das escolas, em consequência da propagação da Covid-19, obrigou uma adaptação para um novo modo de ensinar em que as tecnologias digitais foram utilizadas para mediar as relações pedagógicas, enquanto toda a comunidade escolar estava em casa.

Até março deste ano, as aulas nas escolas de educação básica só aconteciam de modo presencial. No ensino superior, por outro lado, mesmo com boa parte da oferta sendo presencial, a educação a distância⁵ (EaD) já era uma realidade. No caso do ensino público superior, as experiências da Universidade Aberta⁶ expunham a expertise, enquanto as

⁵ A educação a distância é caracterizada legalmente no Brasil pelo Decreto nº 9057/2017 como uma modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica dos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e que desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (BRASIL, 2017, art. 1).

⁶ A exceção, nas instituições de ensino superior públicas, é o projeto Universidade Aberta do Brasil criado pelo Decreto nº 5.800, de 8 de junho de 2006, com a intenção de expandir a oferta de cursos a distância nas

universidades privadas ampliavam, significativamente nos últimos anos, a sua oferta nessa modalidade. De acordo com os dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019), o número de estudantes universitários matriculados em EaD totalizava 43,8% do total de ingressos na graduação, conforme Gráfico 1:

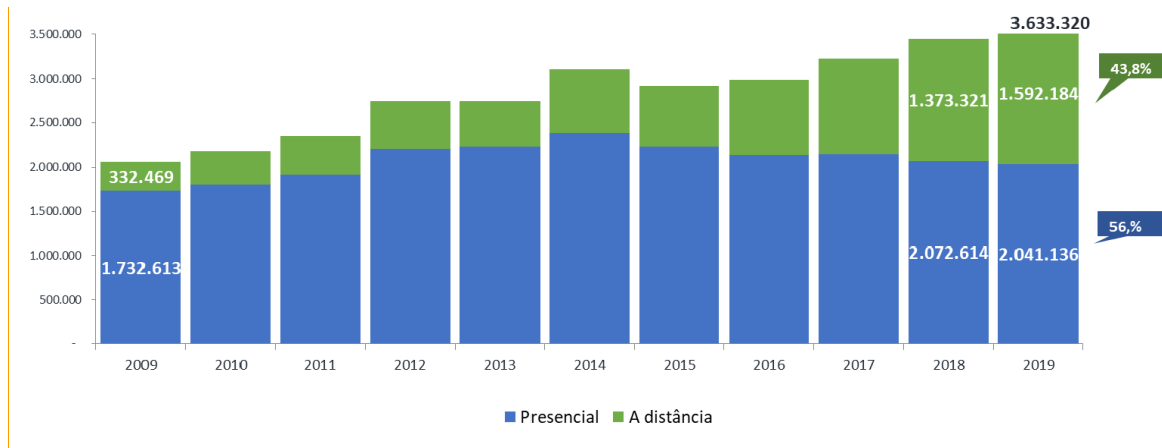


Gráfico 1 – Número de ingressos nos cursos de graduação por modalidade de ensino

Fonte: INEP, 2019, p. 12.

De mais a mais, no ensino superior, as experiências com a modalidade a distância puderam, também, acontecer de forma parcial, uma vez que há quase duas décadas foram possibilitadas ofertas não presenciais, ou seja, com parte da carga horária dos cursos e disciplinas que utilizavam as tecnologias digitais⁷. Na última atualização dessa diretriz, estabeleceu-se, por meio da Portaria nº 2117, que 40% das disciplinas poderiam ocorrer utilizando a modalidade a distância⁸.

O crescimento expressivo do número de ingressos na EaD pode estar relacionado, por um lado, com o próprio aumento do acesso às TDICs e, por outro, com questões políticas e sociais. Nos últimos anos, observamos um aumento no número de vagas, em especial na rede privada, com o discurso da capilaridade – distribuição de polos, inclusão social e aumento da competitividade entre as instituições. Isso significa que a educação a distância já era uma realidade no Brasil antes da pandemia.

É importante ponderar, entretanto, que outros motivos levaram muitas pessoas a optarem pela EaD no ensino superior. Podemos elencar, pelo menos, quatro motivos. O primeiro está

instituições públicas. Existe uma realidade, evidenciada em pesquisas, da diferença existente nas instituições públicas entre o ensino presencial e a UAB tornando-as quase instituições separadas. Para saber mais, consultar Mill (2012) e Veloso e Mill (2020).

⁷ A primeira portaria que dispôs sobre ofertas não presenciais foi a Portaria nº 2.253 (BRASIL, 2001). Em 2004, foi atualizada dispondo que 20% da carga horária de cursos e/ou disciplinas poderiam ser ofertadas de modo semipresencial.

⁸ A Portaria nº 2117, de 6 de dezembro de 2019, dispõe que: “As IES poderão introduzir a oferta de carga horária, na modalidade de EaD, na organização pedagógica e curricular de seus cursos de graduação presenciais, até o limite de 40% da carga horária total do curso” (BRASIL, 2019, art. 2).

relacionado ao valor desses cursos. Por serem menos dispendiosos às instituições e, devido à notável precarização do trabalho docente, os cursos a distância são bem mais baratos que os presenciais. O segundo motivo pode ser justificado pela flexibilidade do tempo. O estudante pode, dentro de sua rotina e em horário diverso do comercial, cumprir suas obrigações acadêmicas. O terceiro é associado ao acesso. Isto é, pessoas que residem em cidades rurais, nas quais não existam centros universitários nas proximidades, têm, no ensino a distância, uma alternativa. Por último, assistimos a um interessante fenômeno mercadológico, a transição de carreiras. Nesse sentido, para esses profissionais é bem mais viável sentar-se em frente ao seu computador em vez de apresentar-se, presencialmente, em um banco de faculdade.

Ainda sobre a educação a distância, é sabido que não foram as experiências dessa modalidade – com predominância do assíncrono, planos e desenhos educacionais próprios e uma equipe especializada – aquelas utilizadas pelas instituições escolares no momento de dar resposta à crise da educação provocada pela Covid-19.

O que se experimentou na educação, no ano de 2020, foi denominado ensino remoto. Uma experiência que conjugou o uso das tecnologias digitais para a mediação de aulas, com a presença de métodos e técnicas do ensino presencial.

Neste ponto é preciso esclarecer algo fundamental: a diferença entre educação a distância e ensino remoto. De acordo com Arruda (2020), a EaD envolve planejamento anterior, consideração sobre perfil de aluno e docente, desenvolvimento a médio e longo prazo de estratégias de ensino e aprendizagem que levem em consideração as dimensões síncronas e assíncronas da EaD. Já a educação remota emergencial, conforme afirmam Hodges *et al.* (2020), é uma mudança temporária da entrega de conteúdos curriculares para uma forma de oferta alternativa, devido à situação da crise, conforme Quadro 1:

Educação a Distância	Ensino Remoto Emergencial
Tecnologias com uma intencionalidade pedagógica.	Tecnologias para solucionar a não presencialidade.
Momentos síncronos e assíncronos.	Prioritariamente momentos síncronos.
Flexibilidade espaço-temporal.	Exigência de momentos síncronos de acordo com a carga horária escolar.
Momentos pedagógicos para interação com o docente, com o conteúdo e entre os estudantes.	Momentos de interação com o docente.

Planejamento e preparação com antecedência.	Pouco ou nenhum planejamento, uma ação temporária entregue como uma alternativa para os tempos de confinamento.
Apoio de tutores e equipe técnica para dúvidas e dificuldades.	Apoio docente síncrono.
Público-alvo majoritário: adultos.	Público-alvo majoritário: todos os estudantes sem aulas (desde aqueles da educação infantil até os da pós-graduação).
Autonomia.	Apoio das famílias.
Planos legalmente autorizados.	Planos de emergência.
Numerosos estudos, teorias, modelos, normas e critérios de avaliação focados na qualidade da aprendizagem.	Metodologia do ensino presencial mediada pelas tecnologias digitais de comunicação.
Presença marcada por participação nos fóruns e cumprimento das atividades.	Presença síncrona sugerida.

Quadro 1 – Comparação entre a Educação a Distância e o Ensino Remoto Emergencial

Fonte: adaptação de Hodges *et al.* (2020).

A situação criada pela pandemia ressignificou *todos* os níveis de educação. O que acompanhamos foi uma reorganização possível para continuar as ações do período letivo. As tecnologias digitais estavam presentes, porém as metodologias e os tempos foram resgatados da costumeira educação presencial.

Além disso, em casos em que o acesso à internet era inviável para todos, acompanhamos o ressurgimento das teleaulas, ensino por meio de apostilas, de aulas via rádio, ou seja, foram buscadas alternativas para atender aos estudantes. Apesar das portas fechadas das escolas, a educação não parou.

No entanto, as experiências do ensino a distância para a educação básica não existiam até então. Por um lado, devido à inexistência de legislação referente à EaD para esse nível e, por outro, por ainda permanecer uma desconfiança quanto à EaD. E não só. O uso das tecnologias digitais ainda não era uma realidade nas escolas e a formação dos professores sobre o tema ainda era insuficiente. Esses foram, sem dúvida, alguns dos grandes desafios do período do confinamento: formação de professores para o uso das tecnologias digitais e acesso à internet para todos.

Nesse cenário de muitas dúvidas, cinco professores reuniram esforços para que, de alguma forma, pudessem contribuir com os seus pares. Foi constituído, assim, o “Educações em Rede”, um projeto de ações formativas não formais, abertas e em rede, direcionado a professores de todos os níveis e modalidades de ensino e de diferentes países. O grupo fundamentou-se na colaboração, na aprendizagem ativa, na reflexão-ação, na comunidade de aprendizagem, no professor aprendiz e na educação inovadora. Obviamente, não foram resolvidos todos os problemas, ainda assim o grupo acredita também ter contribuído de alguma forma para a formação dos seus pares, conforme a terceira seção deste artigo.

Mas não estivemos sozinhos.

Nessa situação de adversidade, de inseguranças e de incertezas, acompanhamos a criação de comunidades de professores nas redes sociais, como *Facebook* e *Whatsapp*, para que os docentes pudessem trocar informações, partilhar saberes, apoiar-se mutuamente, criando espaço para desabafos, depoimentos sobre as dificuldades enfrentadas e, conseqüentemente, fossem capazes de construir novos conhecimentos.⁹

Sabemos que as redes sociais virtuais se constituem como uma ferramenta de comunicação e interação. Se antes da pandemia elas já eram utilizadas pelos estudantes e docentes, no ano de 2020, as redes sociais oportunizaram a criação de novos grupos e comunidades de aprendizagem on-line para a partilha de informações e troca de experiências, formando as denominadas comunidades de aprendizagem on-line, que se caracterizam “como um novo modo de organização social e alteram a maneira como o sujeito se relaciona com a informação, aprende e produz conhecimento” (SCHLEMMER, 2012, p. 265).

Dessa maneira, compreendemos que o estar on-line é um fenômeno anterior à pandemia e parte do desenvolvimento científico-tecnológico e cultural da humanidade. Entretanto, a situação de emergência sanitária, que exige o distanciamento social e confinamento, fez com que a relação entre físico e virtual fosse aprofundada. O contexto pandêmico acentuou os fenômenos das redes sociais e da cibercultura, estreitando espaços presenciais e espaços virtuais e ampliando os espaços não formais de aprendizagem.

As Tecnologias Digitais e a educação: questões necessárias

Na perspectiva trazida pela pandemia da Covid-19, a internet e as tecnologias digitais foram os recursos utilizados como espaços de interatividade com o mundo externo, de formação e de informação, para aqueles com acesso à internet.

⁹ Em um caso mais específico, citamos o Grupo E-learning Apoio, criado no *Facebook* em 8 de março por professores portugueses, que, em uma semana, possuía mais de 8.000 inscritos e, em setembro de 2020, mais de 30.000.

No Brasil, infelizmente esta não é uma realidade para todos. De acordo com os dados do Comitê Gestor de Internet no Brasil (CGI.BR, 2020), na zona urbana 77% da população têm acesso à internet e, na zona rural, o acesso chega a 53% da população.

Apesar de as tecnologias digitais já serem realidade para parte da população brasileira, as condições trazidas pela Covid-19 fizeram com que as TDICs se constituíssem como meios e espaços mais intensos de comunicação e de partilhas, cujos intuitos variavam desde o lazer à educação. Em meio ao confinamento puderam ser verificados: aumento do uso combinado entre celular e computador e o acesso à internet pela televisão; acréscimo da realização de serviços públicos e transações financeiras; adição de usuários que realizaram atividades de trabalho pela web; crescimento das atividades ou pesquisas escolares virtuais, conforme pesquisa realizada pelo Cetic.br (2020).

Se, antes do momento pandêmico, o uso das TDICs na educação era um misto de desafios e de possibilidades, com a chegada da Covid-19 e o fechamento das escolas, seu uso passou a ser obrigatório. Foi observando esse movimento e as condições instauradas pela Covid-19 que o “Educações em rede” se reuniu com o objetivo de compartilhar, de dialogar, de refletir e de problematizar a educação no país. O intuito do grupo, portanto, foi tanto propor soluções, caminhos, alternativas, como também dar suporte para os professores e demais membros da comunidade escolar, no enfrentamento dessas mudanças.

PARTILHANDO EM REDE: A PROPOSTA DO “EDUCAÇÕES EM REDE”

Conforme indicamos inicialmente, o “Educações em Rede” foi composto por cinco professores – mestres e doutores em Educação – em março de 2020, que se reuniram e propuseram partilhar conhecimentos científicos e experiências docentes de diferentes níveis de ensino, por meio da web.

Foi no espaço virtual que o grupo “ER” se encontrou para realizar e divulgar as suas ações. Foram utilizadas as redes sociais, página na internet e plataformas de *streaming*, nomeadamente, *Facebook*¹⁰, *LinkedIn*¹¹, *Instagram*¹², *Wordpress*¹³ e *YouTube*¹⁴, que ampliaram o acesso e a possibilidade de interlocução com as pessoas interessadas nos temas abordados. E, por outro lado, para a comunicação e gestão das atividades do grupo, foram utilizadas as plataformas: *Google Docs*, *Mailchimp*, *WhatsApp*, *Stream Yard* e *Skype*.

As ações do grupo “ER” focaram na formação não formal, gratuita e sem referência institucional. Uma iniciativa de professores para professores, para aqueles que acreditam na

¹⁰ *Facebook*: <https://www.facebook.com/educacoesemrede>

¹¹ *LinkedIn*: <https://www.linkedin.com/in/educacoesemrede/>

¹² *Instagram*: <https://www.instagram.com/educacoesemrede/>

¹³ *Wordpress*: <https://educacoesemrede.com/>

¹⁴ *Youtube*: <https://www.youtube.com/channel/UCbwuKo04wV-KnIFhBsCHqjw>

educação, na colaboração, na aprendizagem contínua, nas transformações e nas educações possíveis.

Iniciamos as atividades com a proposta de duas transmissões semanais de webinários e a gravação de um tutorial durante o período em que as escolas estivessem fechadas. A primeira ação realizada foi a transmissão em direto de um webinário no dia 3 de abril de 2020. As ações do grupo acompanharam as decisões governamentais de distanciamento e a programação de webinários e tutoriais mantiveram-se. No entanto, essas ações foram se transformando com a escuta ativa dos docentes e com a participação de convidados e interessados na temática. Assim, a produção de artigos, de infográficos, de dicas de leitura, de *newsletters* foi acrescida às ações à medida que se desenvolviam as atividades entre os meses de abril a setembro de 2020. De modo global, constituíram-se como ações e atividades do grupo: webinários, tutoriais, oficinas, artigos, infográficos e dicas de leitura. Passamos agora a expor os resultados dessas ações.

A fim de ilustrar com maior precisão o alcance e a relevância dos trabalhos e esforços empreendidos pelo grupo, seguem alguns dados extraídos das redes sociais entre os dias 3 de abril e 28 de setembro de 2020. Por exemplo, o alcance, em termos mundiais, de acesso ao site:

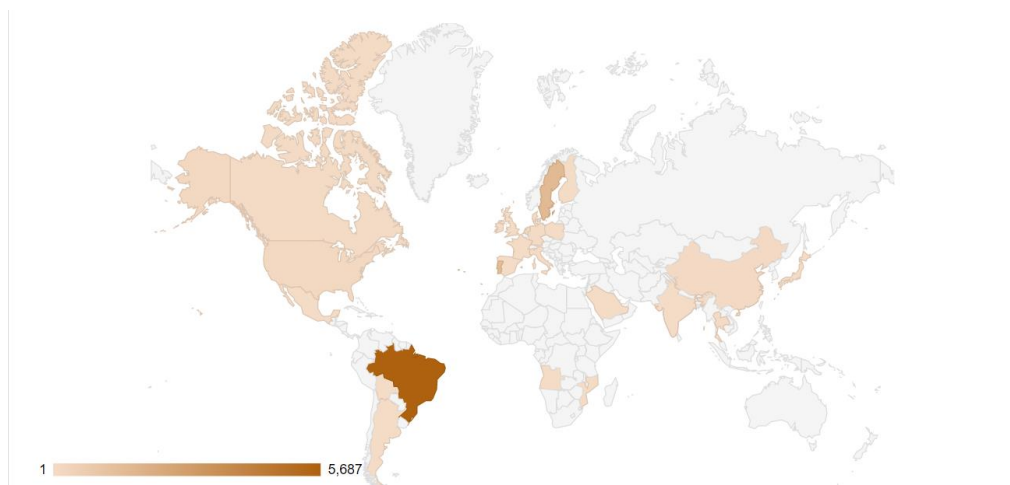


Figura 1 – Países em que foram constatados acessos aos conteúdos

Fonte: elaborada pelas autoras, 2020.

Os acessos aos conteúdos do site foram realizados por pessoas localizadas nos países: Brasil, Portugal, Suécia, Estados Unidos, China, Alemanha, Canadá, Tailândia, Angola, Itália, Espanha, entre outros.

Em relação ao número de inscritos e seguidores nas redes sociais e *YouTube*, realizamos os seguintes alcances:

Redes Sociais e YouTube	Nº de inscritos/seguidores
Facebook	373 seguidores
Instagram	661 seguidores
YouTube	1.370 inscritos
LinkedIn	2.170 conexões

Tabela 1 – Número de inscrições nas redes sociais do grupo
Fonte: elaborada pelas autoras, 2020.

No tocante à produção, até meados do mês de setembro, foram publicados no canal do *YouTube* 45 vídeos, sendo: 27 webinários, 11 tutoriais, 7 oficinas on-line, 2 vídeos-reflexão e 1 palestra, conforme o Quadro 2. Além disso, foram publicados no site 10 artigos de docentes convidados, além dos infográficos e das dicas de leitura.

Apresentamos, no Quadro 2, a agenda de eventos realizados e de tutoriais publicados até o mês de setembro de 2020. Salientamos que, entre os meses de abril e junho, o grupo realizou dois webinários e publicou um tutorial por semana. A partir da segunda semana de junho, integrou-se a publicação de artigos colaborativos produzidos por convidados ou interessados. No mês de agosto, organizou-se a “Semana Pensar e Fazer” do grupo “ER”, com webinários e oficinas. No mês de setembro foi realizado o último webinário do grupo.

Ao todo, contamos com a presença de 40 profissionais para apresentar temas gerais e específicos da Educação. Nesses momentos formativos, apresentavam-se reflexões sobre a Educação e, também, recursos digitais para uso pedagógico em formatos de tutoriais ou de oficinas.

Data	Publicação	Tema
03/04	Webinar	Educação em tempos de isolamento social
07/04	Webinar	Planejar a aula on-line
08/04	Tutorial	Compartilhando plano de ensino, ementa e cronograma da disciplina
10/04	Webinar	O movimento maker no combate da Covid-19
14/04	Webinar	Maternidade, Educação e quarentena
17/04	Tutorial	Como fazer o <i>podcast</i> utilizando o <i>Anchor</i>

21/04	<i>Webinar</i>	Ferramentas digitais e seus usos na educação
22/04	Tutorial	Atividades interdisciplinares com o <i>Google Earth</i>
24/04	<i>Webinar</i>	Recursos Educacionais Abertos
28/04	<i>Webinar</i>	Divertindo o ensino on-line
29/04	Tutorial	<i>Stream Yard</i>
01/05	<i>Webinar</i>	Experiências com plataformas de aprendizagem no ensino superior, básico e infantil
05/05	Tutorial	<i>Google Docs</i> como ferramenta de escrita colaborativa
05/05	<i>Webinar</i>	Entre a raiz e a flor, tempo e espaços: docências hoje
06/05	Tutoriais	Criando tutoriais com <i>PowerPoint</i>
08/05	<i>Webinar</i>	Ensino de Línguas on-line: experiências de um professor independente
12/05	<i>Webinar</i>	Metodologias ativas
13/05	Vídeo-reflexão	Democratização do espectro mídias e tecnologias em tempos de pandemia
15/05	<i>Webinar</i>	<i>Soft Skills</i> : seus papéis na educação e no mundo do trabalho
19/05	Tutorial	Como instalar e configurar o <i>Zoom</i>
19/05	<i>Webinar</i>	Repensando o ensino da língua portuguesa
22/05	<i>Webinar</i>	Entre o excesso de informação e a produção de conhecimento
26/05	<i>Webinar</i>	Estilos de uso do espaço virtual para aprendizagem on-line
27/05	Tutorial	Como fazer o compartilhamento de tela no <i>Zoom</i>
29/05	<i>Webinar</i>	Saúde mental na quarentena
02/06	<i>Webinar</i>	<i>Design Thinking</i> para educação
05/06	<i>Webinar</i>	Formação de professores em Rede
09/06	Tutorial	<i>Animaker</i>

10/06	Tutorial	<i>G-Suite for education</i>
16/06	<i>Webinar</i>	Ensino de língua portuguesa: estratégias para aprendizagem on-line
18/06	Vídeo-reflexão	Vivendo o presente em tempos de incerteza
30/06	<i>Webinar</i>	Metodologias para o ensino de História: presencial e on-line
14/07	<i>Webinar</i>	Educadores produtores de conteúdo na internet
21/07	Palestra	Colaborar em rede para a educação em tempos de Covid-19
24/07	<i>Webinar</i>	Como produzir e conduzir a aula on-line
29/07	<i>Webinar</i>	Cibercultura e práticas criativas em rede
10/08	Oficina	Libras básico
10/08	<i>Webinar</i>	Pensar e Fazer
11/08	Oficina	Luz, Câmera e “E-ducação”: a comunicação na perspectiva da educação
11/08	<i>Webinar</i>	Inclusão e Educação
12/08	Oficina	<i>Google Classroom</i>
12/08	Oficina	Dinâmicas e interações com <i>Padlet</i>
13/08	Oficina	Avaliação Síncrona utilizando o <i>Google Forms</i> e o <i>Zoom</i>
13/08	<i>Webinar</i>	Produção de Conteúdo para EaD
14/08	Oficina	Atividades interativas com <i>H5P</i>
14/08	Oficina	Gamificação no <i>Genial.ly</i>
28/09	<i>Webinar</i>	Educação infantil: experiências durante a pandemia

Quadro 2 – Produção de vídeos do grupo “ER” na plataforma *YouTube*

Fonte: elaborado pelas autoras, 2020.

O interessante em publicar no *YouTube* é que, por meio da ferramenta *Studio*, da própria plataforma de *stream*, foi possível identificar dados muito precisos de acessos e visualizações, os quais partilhamos na Tabela 2:

Informações		Números
Visualizações de todos os vídeos		17.053 visualizações
Tempo de visualização		3.500 horas
Acesso por	<i>Smartphone</i>	9.053 (53,1%)
	Computador	7.283 (42,7%)
	Televisão	215 (1,3%)
	<i>Tablet</i>	176 (1%)
	Console de jogos	6 (0,0%)
Vídeos mais assistidos	Educação infantil: experiências durante a pandemia	1.764 visualizações
	O ensino da língua: estratégia de aprendizagem on-line	1.500 visualizações
	Entre a raiz e a flor, o tempo e o espaço: docências hoje	1.277 visualizações
	Repensando o ensino da língua portuguesa	746 visualizações
	Ferramentas digitais e seus usos na educação	660 visualizações

Tabela 2 – Números dos vídeos postados pelo grupo “Educações em Rede” no *YouTube*
Fonte: elaborada pelas autoras, 2020.

Com base nos dados da Tabela 2, verifica-se que o grupo “ER” alcançou mais visualizações a partir de *smartphones*, entretanto os participantes que acompanhavam os vídeos em um computador permaneciam mais tempo diante da tela (2.042,2 horas).

A apresentação desses dados evidencia a relevância de um projeto que tinha como intenção dar suporte aos professores de todas as modalidades e níveis de ensino em um momento claramente desafiador.

Os participantes: demandas e trocas de saberes

Neste item, apresentamos os dados dos dois formulários respondidos pelos participantes. A Fase 1 corresponde ao período de 3 de abril a 5 de junho de 2020, contou, desde o início do projeto, com um questionário disponibilizado para o público por meio da ferramenta *Google Forms*. Foi por meio da ficha de inscrição que conseguimos desenhar os interesses desse público de forma mais assertiva e, assim, direcionar a programação e verificar a necessidade de temáticas relacionadas às TDICs nas práticas pedagógicas, bem como a instrumentalização desses recursos.

A ficha contava com oito perguntas, sendo sete objetivas e uma discursiva, e buscava conhecer o perfil do participante, os desafios para o enfrentamento do cenário marcado pela pandemia, suas preferências de horários e sugestões de temáticas de seu interesse.

A Fase 2 teve início a partir da segunda semana de junho. Os webinários passaram a ser quinzenais, e iniciamos a publicação dos artigos pelo site. Nessa fase, percebemos a necessidade de novos dados a fim de entender de maneira mais atenta o público. Ao final da Fase 1, solicitamos, via e-mail, o preenchimento do questionário denominado “Questionário de Avaliação das atividades do grupo ‘ER’”. Apesar da baixa adesão – apenas cinquenta e quatro respondentes – o resultado também nos auxiliou a entender as dores e as necessidades dos docentes e demais inscritos nas atividades.

Por meio da ficha de inscrição, verificamos que a maior parte dos inscritos estava no Brasil (95%), entretanto verificamos também a presença de portugueses e espanhóis. Dados de pesquisa recente da *DataReportal* (KEMP, 2020) indicaram o Brasil em terceiro lugar dentre os países em que as pessoas passam mais tempo na rede, perdendo apenas para as Filipinas e a África do Sul. Somado a isso, durante a pandemia todas as universidades e, praticamente, todas as redes estaduais e municipais¹⁵ iniciaram a migração do ensino presencial para o remoto, levando assim uma massa de professores e, também, de instituições a diferentes propostas e modelos, conforme relatam Mélo *et al.* (2020). Há de se ponderar que, dos cinco integrantes do grupo, três residiam no Brasil e as que estavam fora de nosso país eram

¹⁵ Para saber o número de secretarias que adotaram o ensino remoto, consulte: <http://www.consed.org.br>.
Fonte: Portais das Secretarias Estaduais de Educação.

brasileiras. O fato de o grupo ser formado por brasileiro e brasileiras pode ter sido um fator preponderante para a determinação de participantes de mesma nacionalidade. Destaca-se, ainda, que realizamos uma ampla divulgação entre contatos profissionais e Secretarias de Educação no Brasil.

ANÁLISE DOS DADOS DOS PARTICIPANTES DOS QUESTIONÁRIOS

Conforme esperado, o público era constituído, em sua maioria, por professores, sendo que, do total de inscritos, 81,3% ou 821 correspondiam a essa categoria.

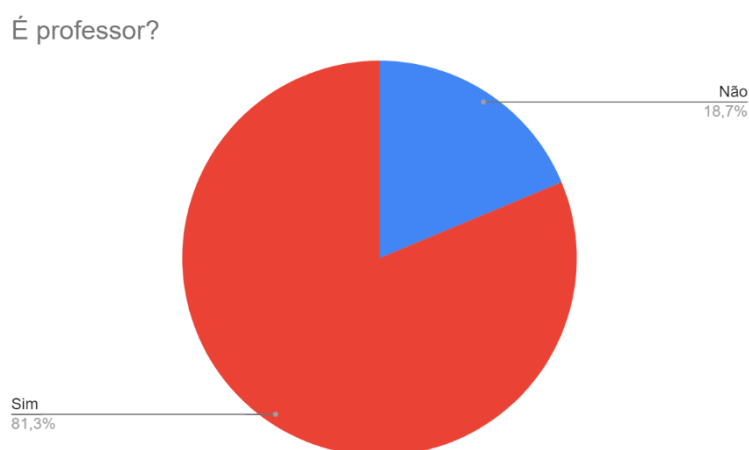


Gráfico 2 – Quantidade de professores participantes dos webinários promovidos pelo grupo “ER”
Fonte: arquivo do grupo “ER”, 2020.

Segundo dados verificados pelo canal do *YouTube* do grupo, a audiência foi majoritariamente feminina (83,6%). É provável que isso se deva às relações de gênero que, historicamente, determinaram a função do magistério como uma atividade maternal e mais adequada às mulheres, o que também explica os salários baixos. Por consequência da notável desvalorização do magistério relacionada ao ordenado, a escolha pela docência é, ainda, recorrente entre pessoas do sexo feminino. Prá e Cegatti (2016) advogam:

Educação e docência estão entre os espaços sociais aos quais as mulheres acederam mais cedo e se incorporaram mais facilmente ao mundo do trabalho. Esse cenário desvelou a tendência à feminização de determinadas carreiras profissionais, áreas de estudos e certos níveis de ensino, especialmente nas etapas iniciais de instrução. Sem embargo, as demandas das mulheres por acesso à educação e ao mercado laboral exigiram delas enfrentar o desafio de reservar algum lugar às tradicionais obrigações femininas derivadas da maternidade, das funções domésticas e das tarefas de cuidado (p. 215).

A afirmação de Prá e Cegatti (2016) é sustentada pela teoria feminista crítica, mas pode também ser evidenciada a partir dos dados de Carvalho (2018):

		BRASIL		ED. INFANTIL		ANOS INICIAIS		ANOS FINAIS		ENSINO MÉDIO	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
2009	FEMININO	1.535.919	82,7	365.664	96,8	670.359	90,9	577.652	73,6	295.335	64,2
	MASCULINO	321.359	17,3	11.896	3,2	67.474	9,1	207.557	26,4	164.688	35,8
	TOTAL	1.857.278		377.560		737.833		785.209		460.023	
2013	FEMININO	1.644.717	81,5	463.860	96,9	675.710	90,1	570.673	71,1	312.717	61,6
	MASCULINO	372.354	18,5	14.951	3,1	74.656	9,9	232.229	28,9	194.900	38,4
	TOTAL	2.017.071		478.811		750.366		802.902		507.617	
2017	FEMININO	1.683.772	81,0	538.708	96,6	677.219	88,9	527.146	68,9	303.900	59,6
	MASCULINO	395.138	19,0	18.833	3,4	84.518	11,1	237.585	31,1	205.894	40,4
	TOTAL	2.078.910		557.541		761.737		764.731		509.794	

Tabela 3 – Professores por sexo e etapa de ensino – Brasil – 2009/2013/2017

Fonte: Carvalho (2018).

Os números apresentados por Carvalho (2018), a partir da base de dados do Censo da Educação Básica, assemelham-se aos dados do público do “Educações em Rede”, isto é, verificamos a feminização do magistério, sobretudo na educação básica. Notadamente, a Tabela 3 evidencia uma diferença expressiva entre o masculino e o feminino na educação infantil. Em todos os anos analisados (2009, 2013 e 2017), a percentagem de aproximadamente 96% de mulheres na educação infantil mantém-se contra menos de 4% da presença masculina na referida modalidade.

Nos anos iniciais, a situação permanece quase a mesma, com um discreto aumento da presença masculina. Ao longo dos três anos analisados, nota-se uma modesta diminuição das mulheres (de 90% para 88%). Por outro lado, nos anos finais, a entrada dos homens é bem mais expressiva. Já no ensino médio, a percentagem quase se equilibra no ano de 2017, com a presença de 40% de homens em comparação com quase 60% de mulheres.

Os dados apresentados nos permitem afirmar e confirmar o que foi anunciado a partir de nossos números: a presença feminina na educação básica é, notadamente, superior. O público do grupo “Educações em Rede” era constituído principalmente por mulheres, pois esse é o gênero que predomina na educação básica.

E foram justamente os professores desse nível de ensino uma parte significativa do público. Dos 814 inscritos, 620 eram professoras e professores da educação básica, sobretudo do ensino fundamental, conforme se constata no Gráfico 3:

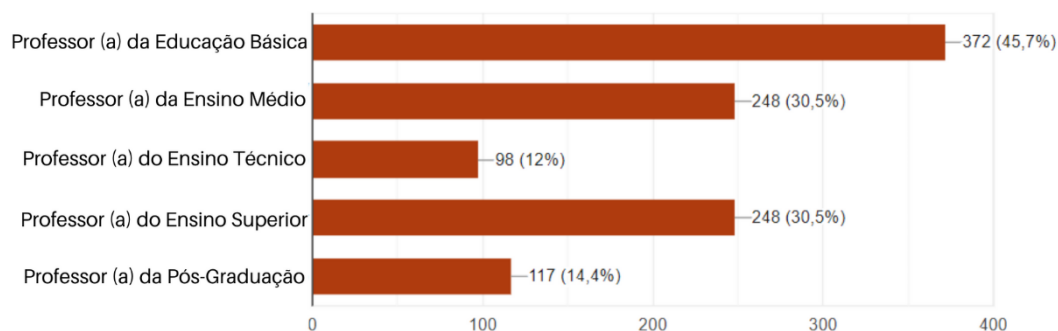


Gráfico 3 – Nível de ensino no qual atua

Fonte: arquivo do grupo “ER”, 2020.

Os dados extraídos do Gráfico 3 sugerem que, apesar de haver uma quantidade significativa de professores da educação básica, os docentes do ensino superior tiveram uma participação expressiva em nossos webinários. Considerando a temática a que se destina esse periódico, faz-se necessário dar um especial destaque para esses números.

Conforme viemos argumentando neste texto, consideramos que a adoção das novas tecnologias digitais no contexto educacional é muito recente, inclusive para o ensino nas universidades. A temática vem sendo postergada também nas discussões acadêmicas e tornou-se, recentemente, imprescindível devido à situação imposta pela pandemia.

O trabalho desenvolvido por Riedner (2018) revela a mesma impressão que temos acerca da adesão às TDICs no contexto educacional, especialmente no ensino superior. A tese de doutorado de Riedner (2018) buscou investigar as práticas pedagógicas e tecnologias digitais no ensino superior, especificamente, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. O trabalho conclui que, apesar da tentativa de incorporação das tecnologias digitais nas disciplinas, e a despeito do uso de alguns recursos digitais pelos professores universitários, o nível de incorporação ainda não possibilita o uso das TDICs para além do instrumental.

De acordo com a pesquisa de Riedner (2018), dos 24 docentes entrevistados, apenas duas professoras desenvolviam atividades que podem ser consideradas inovadoras e que fogem do trivial (uso do projetor multimídia e exibição de vídeos, por exemplo). Indiscutivelmente, trata-se de um trabalho que possui um recorte bem específico, mas acreditamos que essa amostra pode representar o que se observa em boa parte das universidades.

Nesse mesmo questionário, indagou-se também se os participantes precisaram adaptar suas aulas para o ensino on-line ou remoto devido à pandemia do novo coronavírus. A maioria dos inscritos (69,7%) respondeu que necessitou realizar a adaptação. Esse levantamento, apresentado no Gráfico 4, revela um aspecto crucial: o trabalho de formação em metodologias ativas e de orientação no uso das TDICs era mandatário nesse contexto, sobretudo porque

parte das professoras e dos professores parecem demonstrar uma inabilidade para lidar com recursos digitais aplicados ao processo de ensino-aprendizagem.

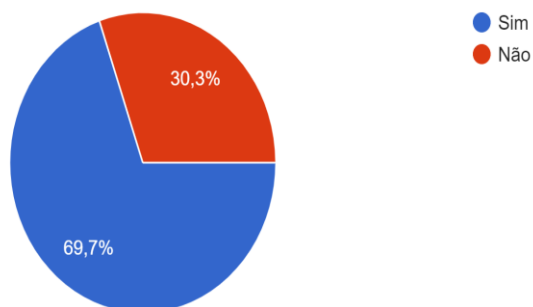


Gráfico 4– Adaptação para aulas on-line

Fonte: arquivo do grupo “ER”, 2020.

Um dado interessante, e que merece maior investigação, refere-se à experiência com a EaD, isso porque um pouco mais da metade dos inscritos informou que já experienciou a modalidade. O que não parece ficar muito claro é se a vivência dos participantes se deu como docentes ou como discentes. Considerando que a maior parte do público é de professoras e professores da educação básica, supõe-se que esse público possui experiência como discente na EaD.

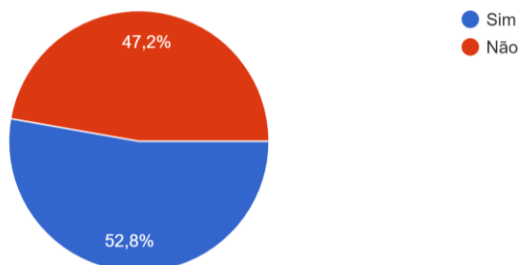


Gráfico 5 – Experiência em EaD

Fonte: arquivo do grupo “ER”, 2020.

O que concluímos nesta seção é que o grupo “ER” conseguiu atingir o público que pretendia alcançar: professoras e professores de todos os níveis e modalidades de ensino. Entretanto, destacamos que professores da educação básica, indubitavelmente, foram os que mais sentiram os efeitos do distanciamento social em razão da pandemia, uma vez que o segmento não se caracteriza pela experiência do ensino on-line ou de propostas híbridas (sobretudo nas escolas públicas). Faz-se necessário, contudo, um levantamento mais preciso para identificar o tipo de experiência com EaD que essas professoras e esses professores vivenciaram, bem como é relevante diferenciar o corpo docente que atua em escolas públicas e em instituições privadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo “Educações em Rede” reitera o propósito de formação de pares, de modo não formal, utilizando o espaço das redes para a criação, co-criação, troca de saberes e de conhecimento. Consideramos também relevante trazer essa experiência para o espaço acadêmico a fim de que seja possível pensar que os espaços devem ser múltiplos, que educar-se não significa receber somente um diploma, mas estar em constante aprendizado para enfrentamentos dos desafios diários.

Sem dúvida, os tempos de pandemia descortinaram questões em que devemos pensar, especialmente, sobre que educação queremos oferecer quando as aulas voltarem para as escolas e que educação queremos para o futuro.

Os desafios vivenciados durante os meses de pandemia pela educação foram múltiplos: desigualdade de acesso às TDICs, pouco investimento nos projetos educacionais, formação de professores deficitária para o uso das tecnologias.

Que soluções seriam possíveis para este momento: ensino remoto? Teleaulas? Aulas por rádio? Cadernos de estudo? As respostas dependem de cada realidade, uma vez que é quase impossível obter uma única verdade. O trabalho realizado por professoras e professores em tempos de distanciamento social esteve nos contornos do possível diante de um momento inesperado e nunca antes vivido. O certo é que os profissionais da educação se reinventaram nos últimos meses. E buscaram encontrar soluções para a continuidade das suas aulas.

A partir deste relato, é possível levantar algumas considerações importantes: os professores de todos os níveis e modalidades de ensino estão sedentos de uma formação continuada que priorize o uso das tecnologias digitais (de modo menos trivial e mais ativo e inovador); ainda há um percurso longo e árduo no que se refere à presença das TDICs nas salas de aula, mas a pandemia antecipou as discussões e forçou uma prática pedagógica em ambientes virtuais.

Com base nos dados apresentados, podemos considerar que o grupo atingiu as metas de trabalho inicialmente traçadas, isto é, contemplou professores e professoras ao oferecer tutoriais e webinários que sugeriam o uso de ferramentas, plataformas e aplicativos para a educação.

Contudo, é importante ponderar. Se, por um lado, a emergência da temática tecnologias educacionais incorporada à educação ganhou força com a necessidade das aulas remotas, por outro, é sabido que muitas práticas pedagógicas, nesse contexto, não se deram a contento.

Há de se considerar que muitas instituições da rede privada já lidavam com o ensino híbrido, possuíam seus próprios ambientes virtuais e já ensaiavam o ensino em um contexto virtual, mediado pela tecnologia. Entretanto, essa não era, nem de longe, a realidade de muitas

escolas públicas. O que se viu, nesse segmento, foi uma prática amadora que buscava ser viabilizada cotidianamente, com professores bem-intencionados, porém sem a formação para lidar com os recursos digitais. Apesar dos notáveis esforços dos docentes de muitas escolas públicas, o desafio era ainda maior: desvelou-se a desigualdade de acessos à internet.

Assim, tem-se, mais uma vez, a desigualdade social, reproduzida no ambiente escolar, agora físico e virtual. Enquanto filhos da classe média acessaram suas aulas síncronas dentro dos ambientes virtuais de suas escolas com relativa facilidade, filhos de pobres não conseguiam realizar um simples download de vídeos curtos, enviados pelos professores via aplicativo de mensagem.

É possível que assistamos a novos tempos pós-pandemia no contexto educativo. Hipotetizamos que muitas crianças e adolescentes sairão prejudicados, com seus estudos ainda mais defasados, por outro lado, assistiremos à aplicabilidade do ensino híbrido que já deveria ser uma metodologia incorporada pelas escolas.

Acreditamos que o “Educações em Rede” cumpriu o seu papel. E que esta iniciativa se constituiu enquanto potência formativa não institucionalizada, aberta e gratuita para docentes interessados em pensar pedagogicamente a nova realidade. Durante os meses de abril a agosto, estabeleceu-se como uma comunidade de aprendizagem em espaços on-line não formais, sem restringir-se a paredes, constituída em rede e nas redes, conectando professores de diferentes locais do país e do mundo.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Eucídio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. *Em Rede – Revista de Educação a Distância*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 5 jul. 2020.

BRASIL. Portaria nº 2.253, de 18 de outubro de 2001. Dispõe sobre a introdução nas instituições de ensino superior do sistema federal de ensino, na organização pedagógica e curricular de seus cursos superiores reconhecidos, a oferta de disciplinas que, em seu todo ou em parte, utilizem método não presencial, com base no art. 81 da Lei n. 9394, de 1996. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2001. Disponível em: https://neoa.unifei.edu.br/images/legislacao/portaria-n-2253_2001.pdf. Acesso em: 20 nov. 2020.

BRASIL. Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.htm. Acesso em: 7 dez. 2020.

BRASIL. Portaria MEC nº 2.117, de 6 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância - EaD em cursos de graduação presenciais ofertados por Instituições de Educação Superior - IES pertencentes ao Sistema Federal de Ensino. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2019/12/PORTARIA-MEC-N%C2%BA-2.117-DE-6-DE-DEZEMBRO-DE-2019.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CETIC.BR. Painel TIC COVID-19. Atividades na internet, na cultura e no comércio eletrônico. *Cetic.br*, 13 ago. 2020. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/painel_tic_covid19_1edicao_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em: 7 dez. 2020.

CGI.BR. *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2019*. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020.

CARVALHO, Maria Regina Viveiros de. *Perfil do professor da educação básica*. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2018.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

HODGES, Charles; MOORE, Stephanie; LOCKEE, Barb; TRUST, Torrev; BOND, Aaron. The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. *EDUCAUSE*, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em: 17 ago. 2020.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. *Notas estatísticas 2019*. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Notas_Estatisticas_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf. Acesso em: 7 dez. 2020.

KEMP, Simon. Digital 2020 Global Digital Overview. *Datareportal*, 30 jan. 2020. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2020-global-digital-overview>. Acesso em: 2 out. 2020.

LEMOS André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MILL, Daniel. A Universidade Aberta do Brasil. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos (org.). *Educação a Distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012. v. 2, p. 280-291.

MÉLO, Cláudia Batista; FARIAS, Gabrieli Duarte; MOISÉS, Larianne de Sousa; BESERRA, Letícia Regina Marques; PIAGGE, Carmem Silvia Laureano Dalle. Ensino remoto nas universidades federais do Brasil: desafios e adaptações da educação durante a pandemia de COVID-19.

Research, Society And Development, v. 9, n. 11, e4049119866-19, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/9866>. Acesso em: 20 nov. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i11.9866>.

PRÁ, Jussara Reis; CEGATTI, Amanda Carolina. Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 10, n. 18, p. 215-228, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/viewFile/660/682>. Acesso em: 20 out. 2020.

PRETTO, Nelson de Luca. O desafio de educar na era digital: educações. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, v. 24, n. 1, p. 95-118, 2011. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/3042>. Acesso em 10 de ago. de 2020. DOI: <https://doi.org/10.21814/rpe.3042>.

RIEDNER, Daiani Damm Tonetto. *Práticas pedagógicas e tecnologias digitais no ensino superior: formação inicial de professores e inovação na UFMS*. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SANTOS, Edmea; WEBER, Aline. Diários online, cibercultura e pesquisa-formação multirreferencial. In: SANTOS, Edmea; CAPUTO, Stela Guedes (org.). *Diário de Pesquisa na Cibercultura: narrativas multirreferenciais com os cotidianos*. Rio de Janeiro: OMODE, 2018. v. 1, p. 23-46.

SCHLEMMER, Eliane. A aprendizagem por meio de comunidades virtuais na prática. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos (org.). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson, 2012. v. 2, p. 265-279.

VELOSO, Braian Garrito; MILL, Daniel. Tutoria no sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB): uma análise dos tutores presenciais e virtuais. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 29, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/8477>. Acesso em: 10 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.29286/rep.v29ijan/dez.8477>.

Fernanda Araujo Coutinho Campos

Consultora educacional, e-tutora e designer instrucional na Universidade Aberta (Portugal). Doutora e mestre em Educação (Faculdade de Educação – UFMG), especialista em Educação a Distância (SENAC Minas) e licenciada em História (PUC Minas). fernanda.campos3x@gmail.com

Ana Paula Campos Cavalcanti

Doutora em Linguística Aplicada (Faculdade de Letras – UFMG). Mestre em Educação (Faculdade de Educação – UFMG). Graduada em Pedagogia (UFPE) e Letras (Estácio de Sá) e professora do Centro Universitário Newton Paiva. anapcletras@outlook.com